Ano XXIII — Lisboa, Outubro de 1967 — N.º 270

SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com "O Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino F. Macedo

Director-Adjunto
Joel Ribeiro

Redactor
Mariano Garcia

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telefs.: Red. 63 66 07 — Adm. 63 88 49 • Comp. e Imp.: Livraria Cruz — Braga

REALIZAR

Com o mês de Outubro, veio a abertura das aulas e com ela o começo de nova vida, uma vida febricitante, pois o acontecimento marca o fim do período de férias com o regresso aos grandes centros.

Num artigo que tenho na minha frente, diz-se, aliás com inteira propriedade, que, muito antes da entrada na escola (dos que vão iniciar a vida de estudantes), os pais devem preparar psicològicamente a criança, inspirando-lhe um verdadeiro entusiasmo pela escola e mentalizando-a sobre o significado desta nova fase da sua vida.

E mais adiante, aduz: «A entrada na escola deve constituir um acontecimento alegre na vida da criança».

No entanto, há dias, num transporte público, vi uma senhora que conduzia à escola duas criancinhas — uma menina e um rapazito de tenra idade. Este, sendo o mais novo, não escondia o descontentamento. Debulhado em lágrimas, não cessava de implorar: «Mãezinha, não quero ir para a escola!». Mas a mãe, lá procurava convencê-lo, dizendo-lhe que ele iria, com certeza, gostar muito dos professores, tal como já tinha acontecido com a irmã. Esta, muito segura da vantagem que lhe dera a idade para se antecipar na entrada na escola, mantinha uma atitude imperturbável.

Existem, de facto, motivos válidos para os pais prepararem seus filhos para a entrada na vida de estudantes, não só com o intuito de atenuar o choque que necessàriamente há-de produzir a separação da família e a ida para um ambiente estranho, mas também por ser o ponto de partida para essa longa e maravilhosa peregrinação através do mundo do conhecimento.

Efectivamente, o desenvolvimento intelectual do indivíduo é, como se sabe, um dos processos que mais profundamente o valoriza, visto que, além de lhe ir despertar anelos de evolução da sua personalidade, oferece igualmente os meios de os realizar.

Nos tempos que correm, mais do que em qualquer outra altura, as camadas jovens necessitam de robustecer os predicados que guardam em si. Elas próprias manifestam aspirações de alcançar o capital de conhecimentos que lhes permita o domínio das suas actividades.

Realizar é o programa que apaixona a juventude. Seja nas artes plásticas, na música, no canto, na dança; seja na técnica, nos desportos, na literatura, na investigação científica, o jovem tem o desejo de realizar algo que lhe outorgue satisfação, que lhe estimule o brio pessoal e dê expressão ao génio criador.

É esta disposição de ânimo que, não só a escola, mas também os outros movimentos educativos, devem favorecer e robustecer, não por meio da comunicação insistente de noções teóricas, visto que o desenvolvimento atingido nos vários ramos da ciência não permite que um mesmo indivíduo alcance uma noção profunda de todos os domínios do conhecimento. O que importa é exercer uma acção que desperte no educando os dotes de que é detentor, lhe revigore o espírito de

Continua na pág. 5

AINDA O 1.º CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO DA PENA DE MORTE EM PORTUGAL

Pelo Prof. António Álvaro Dória

Encontrava-se já impresso o meu artigo publicado neste jornal em Agosto passado, quando se inaugurou solenemente em Coimbra um Colóquio Internacional comemorativo da abolição da pena de morte em Portugal, ao qual concorreram numerosos juristas estrangeiros, tendo o o Prof. Eduardo Correia, presidente do Colóquio, proferido o discurso de abertura, bela peça oratória de que destaco os seguintes períodos.

Referindo-se à hipótese do restabelecimento da pena capital, que «brutalizaria infinitamente mais os sentimentos da nossa comunidade do que a possível ocorrência de crimes, por mais graves que sejam», o ilustre Professor continua, justificando o seu ponto de vista:

«É que, perdida no passado a tradição que, aliás, lhes evoca tanta tragédia, da execução da pena capital, os Portugueses podem claramente dar-se conta de como ela viola flagrantemente esse belo sentimento humano que é a solidariedade contra a morte».

Mais adiante continua: «O sentido de uma defesa social utilitarista compreendida como defesa da sociedade, contra o criminoso, olhando-o como objecto de uma reacção que acentua a polaridade hostil entre a sociedade e o homem, tende hoje a ser superada por uma ideia de defesa social de tipo protectivo».

E na peroração, evoca o Presidente do Colóquio a acção de Portugal, quando descobriu novas terras, «nelas procurou instaurar um modo de estar no mundo, em que os outros, todos os homens, não podem ser tratados como natureza, como instrumento de fins, mas como seres dotados dessa mesma estrutura humana que é a de cada um de nós».

E nas conclusões votadas no Colóquio, recomendou-se «que a pena de morte seja abolida universal e definitivamente para todos os crimes»; «que as condenações à pena última sejam substituídas ou comutadas por outras que cominem a aplicação de penas diferentes»; e «que em vista desta 2.ª resolução e até à abolição definitiva da pena de morte, todos os Estados que ainda a conservam declarem imediatamente a suspensão da sua aplicação».

É-me sumamente grato ver que tão elevada assembleia, quer pela boca do seu ilustre Presidente, quer pela dos seus doutos componentes, defendeu pontos de vista por que o obscuro autor deste artigo se tem batido de há longos anos, particularmente no artigo anterior, desta forma se escorando a opinião de um leigo na ciência do Direito com a de um grupo de juristas, reunidos na mais velha Universidade do País, onde ainda paira o espírito de tantos ilustres mestres que no passado a enobreceram e cujo pensamento se projectou na Europa, o mesmo é dizer no Mundo.

Efectivamente e a despeito da brutalidade dos nossos tempos, em que os homens

Continua na pág. 4

NESTE NÚMERO:
INOVAÇÕES NO ESCOTISMO DA GRÃ-BRETANHA • RESCALDO DO REGIONAL DO NORTE • O ANIVERSÁRIO DO GRUPO N.º 93, DE SINTRA

Inovações no Escotismo na Grã-Bretanha

Foi recentemente publicado em Londres o relatório de uma comissão nomeada com o fim de, por meio de consultas aos dirigentes do escotismo britânico, estudar as modificações a introduzir na organização e no método escotistas e recomendar ao escoteiro-chefe geral britânico a aplicação de medidas tendentes a garantir o progresso do Movimento no futuro, em especial na década de 70.

São profundas as alterações preconizadas, algumas já postas em vigor, como seja a da denominação da associação britânica, que passa a ter, como noticiamos noutro lugar, o nome de *The Scout Association*, isto porque se deixa de usar a expressão *boy scout*, substituída pelo termo *scout*.

As divisões escoteiras passam a ter as seguintes denominações: os lobitos serão chamados *cub scouts* (escoteirinhos ou cadetes) e nela são incluídos os rapazes dos 8 aos 11 anos.

É curioso notar que, em regulamentos antigos da Associação dos Escoteiros de Portugal, não foi aceite a denominação de lobito, mas sim a de cadete, exactamente aquela por que a associação britânica opta.

Os rapazes dos 11 aos 16 anos, os *scouts* (escoteiros), constituem a divisão escoteira.

A divisão dos *venture scouts* (escoteiros aventureiros ou pioneiros) reunirá os rapazes dos 16 aos 20 anos.

Os calções passam a ser usados ùnicamente pelos cadetes. Nas outras divisões, envergar-se-ão calças compridas e camisa de talha mais simples, permitindo-se, contudo, que na Escócia e na Irlanda do Norte se mantenha o uso do saiote.

Outras reformas incidem sobre as Leis do escoteiro e do cadete (ex-lobito) e sobre a terminologia escotista. Novos esquemas de treino foram delineados para todas as divisões, em que se dá uma ênfase muito especial à vida ao ar livre, com a criação de centros para a prática de desportos náuticos, voo à vela, engenharia, electrónica, etc., bem como o exercício obrigatório de uma forma de serviço à comunidade. Todavia, o sistema de patrulhas, base do método escotista, não só será mantido, como ainda valorizado com a aplicação de normas que o tornarão mais efectivo.

O escoteiro e a sua integração na sociedade

A divisão de escoteiros aventureiros terá como objectivo completar o treino progressivo feito nas divisões que a precederam e, assim, contribuir para que os seus membros obtenham as qualidades necessárias para se integrarem na sociedade, como homens de carácter e de valor.

Uma importante inovação é a que obriga cada divisão a ter um número mínimo de membros, bem como de dirigentes e instrutores e a atingir certos níveis de desenvolvimento em cada ano.

Outros sectores da organização foram alvo das atenções desta equipa de reformadores, a que neste momento, porém, não faremos referência

Estas inovações irão sendo postas em prática escalonadamente nos próximos três anos, de forma que, pelo menos nos meios estranhos ao escotismo, não se dê conta das profundas alterações introduzidas na organização

Dirigentes qualificados do escotismo britânico não escondem o entusiasmo por estas alterações, afirmando que o escotismo deve continuamente buscar novas fórmulas de acção para o seu método, pois é desta maneira que ele mostrará que é de facto um movimento, pois não assume uma posição estática ante as novas solicitações de cada geração.



HÁ 20 ANOS

"SEMPRE PRONTO"

PUBLICAVA:

Algo mais sobre as Patrulhas

É imprescindível excluir o sistema de educação em massa, que só conduz à obtenção de rapazes disciplinados, porém carecendo de espírito, de iniciativa individual e do hábito de pensar, já que se habituam a mover-se só à voz do mando. Na educação em massa, o Instrutor esgota inùtilmente as suas energias e o rapaz não pode desenvolver o seu carácter.

O Escotismo encontrou a solução nas patrulhas, pequenos grupos de rapazes unidos debaixo de um símbolo convencional e submetido à autoridade moral de um deles. Criai patrulhas autênticas. patrulhas com forte espírito de equipa e com plena responsabilidade de seus actos, com possibilidade de levar adiante as suas próprias iniciativas e ficareis assombrados com os resultados.

. . . . . .

A pedra angular da patrulha é o Guia, e da sua acertada eleição depende quase sempre o êxito, ou o fracasso, do sistema. O Guia, pois, será o escoteiro mais habilitado dos oito, porém habilitado debaixo do ponto de vista dos seus companheiros, não segundo o Instrutor. Porque o ideal dos rapazes não recai sobre aquele que, por exemplo, sabe traduzir latim, senão naquele que melhor sabe desenvolver-se no campo e conhece as artimanhas para resolver qualquer problema.

Nomeado o Guia, há que lhe dar toda a importância moral que na realidade tem, e fazê-lo intervir na direcção do Grupo por meio dos Conselhos de Guias, amigável assembleia a que as patrulhas levam as suas iniciativas e onde o Instrutor dita normas e directrizes.

. . . . . .

E organizadas as patrulhas, respeitai a sua personalidade em todo o momento. Dentro do possível, todos os seus componentes lutam unidos nas competições, jogos e concursos, classificando-se sempre em conjunto, e não individualmente, o que reforçará o seu espírito de equipa.

ENRIQUE GENOVÊS

Associação dos Cegos do Norte de Portugal

Colecção de pequenas biografias

Desta bem já conhecida Associação, recebemos os n.os 5 e 6 da interessante colecção de pequenas biografias, respectivamente de Louis Braille e do Dr. Bertino Daciano.

A primeira, admirável, desenho do Professor Pintor Isolino Vaz, numa bela reprodução da Litografia Nacional, mostra-nos o autor do sistema de leitura e escrita em relevo adoptada universalmente pelos cegos, com uma pequena resenha biográfica no verso. A segunda uma fotogravura do Professor Dr. Bertino Daciano, pedagogo ilustre, muito amigo dos cegos. Contém igualmente nas costas a biografia.

Estes trabalhos serão enviados gratuitamente, a quem os solicitar à Associação dos Cegos do Norte de Portugal, na Rua de Santa Catarina, 783, no Porto.

Muito agradecidos pela oferta.



O Escotismo através do Mundo

Foi nomeado um Secretário-Geral para a Secretaria Internacional do Escotismo

A Conferência Mundial do Escotismo, na reunião que se realizou de 6 a 8 de Agosto findo, em Cœur d'Alene, no Idaho (E. U. A.), aceitou a recomendação que o Comité de Selecção fez em Abril último, no sentido de ser nomeado um novo director para a Secretaria Internacional.

Foi decidido indicar, para o preenchimento do lugar, o nome do sr. Laszlo Nagy, autor do livro *Relatório sobre o Escotismo Mundial*, cuja publicação foi patrocinada pela Fundação Ford.

O sr. Nagy começará a desempenhar estas funções, no regime de *full-time*, em 1 de Maio do próximo ano, altura em que se espera que, de acordo com a resolução da 21.ª Conferência Mundial, a sede da Secretaria Mundial seja transferida para os arredores de Genebra, na Suíça.

Em virtude de posterior resolução, o sr. Nagy tomará o título de secretário-geral, em vez do de director, que será posto de parte.

O sr. R. T. Lund continuará como secretário geral interino, conforme decidiu a Conferência Mundial em 17 de Agosto findo, em Seattle (E. U. A.). Este dirigente ficará com o encargo de dar seguimento ao expediente dirigido à sede de Otava até à véspera da posse do novo secretário-geral nas suas funções.

D. Maria Henriqueta Cortês dos Santos Noronha de Oliveira Nascimento

Não obstante a luta tenaz, ao longo de vários anos, contra uma enfermidade que não perdoa, faleceu em 7 do corrente a sr.ª D. Maria Henriqueta Cortês dos Santos Noronha de Oliveira Nascimento, esposa do nosso bom amigo e colaborador sr. Ernesto Clímaco do Nascimento.

O doloroso acontecimento causou viva impressão nos meios escotistas, onde esta senhora gozava de muita estima, em especial na Fraternal dos Antigos Escoteiros, de que era dos mais entusiastas elementos.

À família enlutada, e particularmente ao nosso estimado companheiro Ernesto Clímaco do Nascimento, manifestamos a expressão do nosso muito sentir.

IMPRENSA

«Diário Popular»

Em 22 do passado mês de Setembro, passou o 25.º aniversário do «Diário Popular», jornal lisbonense de grande informação, que ao escotismo tem dedicado simpática atenção

Ao seu director, sr. Dr. Martinho Nobre de Melo, bem como a todos os seus colaboradores, apresentamos felicitações pela passagem daquela data.

Sugestões para um acampamento aliciante

Com a devida vénia, transcrevemos da página Escotismo das «Novidades» este interessante artigo da autoria do conhecido dirigente escoteiro sr. Narciso Elias, trabalho que merece ser meditado por todos os chefes.

O que distingue de qualquer outro um acampamento de escuteiros é o seu sentido educativo, a vivência de actividades formativas no contacto íntimo com a natureza. Acampar por oito dias, abandonando-se pura e simplesmente ao correr do tempo e ao exercício das funções primárias de comer, descansar, passear e dormir poderá ser muito repousante e salutar, mas... não nos satisfaz. É que, para quem, como os nossos escuteiros, passou o ano inteiro debruçado sobre os livros a cuidar da sua formação intelectual ou agarrado ao seu posto de trabalho procurando produzir mais e melhor, há outras «preocupações», outras necessidades que urge satisfazer dando saída livre à sua exuberante vitalidade de adolescentes. As intensas actividades dos acampamentos não são incompatíveis com o prolongado esforço do ano inteiro, se forem devidamente doseadas e se forem planeadas de modo a explorar aspectos diferentes dos que, durante o ano, monopolizaram a atenção dos nossos rapazes.

★

Para tornar aliciante um acampamento é preciso torná-lo *inolvidável*, isto é, conseguir que aconteça algo de especial, seja pelo local excepcional que se escolheu, seja pelo tema principal de todo o programa, seja por uma aventura inspirada que a todos entusiasme.

É claro que isso exige geralmente grande capacidade organizadora da parte do chefe, a par de largos conhecimentos técnicos e pedagógicos.

Suponhamos então que o Grupo acampa à beira de um rio e que, como é o caso das «Lapas», perto de Tomar, há uma gruta (a «Gruta dos Morcegos») que permite uma pequena iniciação espeleológica.

Um rio é um atractivo formidável em qualquer acampamento, constituindo sempre uma perspectiva dourada das actividades do fim do dia. Pois aí está um meio de tornar inolvidável o acampamento: — logo desde o primeiro dia começarão lições de natação aos que ainda não saibam nadar, enquanto os restantes iniciarão os treinos para um pequeno campeonato a realizar no último dia do campo.

Ter lições de natação todos os dias pode ser a grande norma desse acampamento. É preciso lembrar que uma ou duas lições não significam geralmente nada, pois tudo se perderá em esforço inútil. Tal como aprender a conduzir um automóvel requer vinte ou trinta lições, assim o aprender a nadar exige alguma continuidade. Ao fim de oito dias o rapaz pode não ter ficado a saber nadar, mas venceu provàvelmente a barreira principal do receio, do desinteresse e da falta de confiança. Assim, para ele, esse acampamento tornou-se *inolvidável* porque foi aí que ele deu as primeiras braçadas. E ficará a sonhar com o dia em que, de verdade, saberá nadar.

Por outro lado, os já iniciados verão o seu estilo melhorar de dia para dia e será inesquecível para eles o dia da competição final, em que os «Leopardos» vencerão os «Javalis» na prova dos 50 metros, embora os «Veados» tivessem vencido nos saltos.

Entretanto lá estará a gruta, a tão falada gruta, à espera de uma exploração em forma.

A perspectiva de descobrir uma gruta deslumbra qualquer rapaz, mórmente se ele nunca desceu a nenhuma, como é o caso normal. Como todas as coisas importantes, convirá emprestar a esse ponto do programa uma atenção especial. O chefe dará no dia anterior informações sobre o modo como se fará a visita, despertará a imaginação e o entusiasmo dos «exploradores», sem desvendar todas as singularidades da caverna e, também, sem exorbitar a sua real importância. Convém que o rapaz venha a descobrir ainda mais coisas do que o chefe revelou e nunca, de modo algum, que possa ficar decepcionado com o retrato que lhe sugeriram. A Gruta dos Morcegos é mesmo o tipo de gruta boa para uma iniciação, pois é pequena, terá talvez 50 metros até ao fundo, descendo desde a boca até ao termo cerca de 20 metros. Tem centenas ou milhares de morcegos refugiados no ponto mais profundo; possui estalaglites e estalagmites e até, em certas fendas, pequenos viveiros de minerais.

Quantas sugestões não poderá apresentar o chefe para uma exploração destas! Como foi possível haver uma gruta, quais as dimensões da sala principal, qual a orientação dos labirintos, como respeitar os jazigos minerais, que precauções tomar numa descida, eis outros tantos pontos que o chefe poderá salientar em conversas preparatórias.

★

Mais sugestões para o acampamento? Mas se há tantas, se há possibilidades sem conto!

Que dizer de uma exploração sistemática da flora local? No primeiro dia, reconhecimento num raio de 200 metros. No dia seguinte, início de uma catalogação sistemática das árvores e arbustos, acomnhada de jogos de rapidez de descoberta de «uma certa folha» de árvore. Depois, conversa com os lenhadores, inquirindo o preço de cada espécie, o tempo de crescimento, a época de plantação, o mercado, o transporte, etc. A seguir as culturas do local: como é o feijão, como germinam as batatas, onde vendem o milho e por aí adiante.

O chefe lançará então a ideia de uma boa acção colectiva, com que os escutas, durante toda uma manhã, ajudarão a colheita de legumes ou de frutos de algum proprietário local.

Outra sugestão ainda mais a exploração geológica e arqueológica da região, possíveis minas, possíveis vestígios dos romanos...

E a «exploração» nocturna do céu? E as visitas às povoações vizinhas?

Enfim, o que torna verdadeiramente aliciante um acampamento é a existência de um programa de actividades centrado sobre um ou dois temas que se exploram até às últimas consequências.

Narciso Elias

A mocidade vive?

É tal o desprendimento, que notamos na mocidade, perante as coisas do espírito que muitas vezes aflora em nós a pergunta: — A mocidade vive?

A justificá-la, o desapego dos jovens de hoje pelo que os pode tornar verdadeiramente grandes, pois, em contacto com a Natureza, raro vão além da natação, nos períodos em que as praias regurgitam de banhistas, mais talvez para desfrutarem o «pratinho» que oferecem muitas jovens, e até adultas, por aquilo a que chamam modernismo, do que pelo prazer do desporto náutico.

Tudo se processa na base da frivolidade, raro se verificando, como outrora acontecia, o aproveitamento do tempo que vai além do banho com a leitura de livros que ajudam a formar a alma.

Actua-se mais para mostar formas esbeltas do que para tirar partido das funções que a água exerce no corpo e que este poderia transmitir à alma, se o pensamento se fixasse na necessidade de praticar as boas acções que as regras do escotismo indicam como base da formação de um Mundo maior e melhor.

As organizações existentes para que a mocidade se agrupe no bom caminho pecam por ausência de iniciativa dos seus mentores, nuns casos, e ausência de meios, noutros, e muito especialmente de formação espiritual, que falha de verdade na família, na escola, na oficina, enfim, onde quer que as criaturas se agrupem, porque falar de obediência à lei e a Deus caiu em desuso. Falar de sustar as liberdades que os pais concedem aos filhos, a ponto de raro se verem jovens de 16 anos, e até menos, que recolham a casa antes, é procedimento condenado.

Invocam os que aceitam essa liberdade, e outras não menos prejudiciais, que a evolução assim permite. Mas poderemos nós chamar evolução àquilo que nos pode conduzir à destruição? Segundo as leis da Natureza, não será o dia para trabalhar e a noite para descansar?

Quando as noites de verão convidam a permanecer ao ar livre, justo se nos afigura fazê-lo, mas permanecer em *boîtes* ou em casas semelhantes, respirando vapores de álcool e fumo do tabaco, além das poeiras provocadas pelos dançares desconcertantes da época que passa, contribuirá para proporcionar vida à mocidade?

Porque não ampliar esplanadas onde a mocidade possa, através de boas peças teatrais e boas orquestras, demonstrar que é possível elevar-se, elevando quantos a acompanhem em manifestações culturais?

Porque não amplos ginásios onde, através de ginástica rítmica e desportos regrados, possa demonstrar aptidões físicas?

Porque não bons clubes náuticos para se familiarizarem com as regras do desporto náutico e praticá-lo depois em baías, como a de Lagos, distraindo-se e distraindo, sem prejuízo da sua formação?

O que nos vai na alma acerca da vida da mocidade de hoje, aquela que nos há-de reger amanhã, é de tal forma vasto que «Sempre Pronto» não comportaria, nem fàcilmente o signatário reproduziria. Que o pouco que fica, pobre na expressão, mas sentido, pelo receio de vermos agravado o problema da mocidade, possa ser considerado para estudo tendente à sustação das liberdades que prejudiquem o seu engrandecimento.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Ainda o 1.º Centenário da Abolição da Pena de Morte em Portugal

Continuação da pág. 1

parecem apostados em esmagar o Homem reduzindo-o, mais uma vez, à categoria de animal inferior, negando assim as mais belas conquistas do espírito humano e repudiando todos os ensinamentos que, desde Sócrates, têm tendido a elevá-lo acima de toda a Criação; a despeito dessa obra negra de autodestruição, que por certo um dia virá a causar espanto aos nossos remotos descendentes, o Mundo caminha para uma era em que a dignidade da Pessoa Humana atingirá aquela plenitude que, desde a idade das cavernas, o Homem sempre buscou alcançar, na consciência perfeita da sua perfeita diferença e superioridade em relação aos outros animais.

Nós, portugueses, primeiro que todos os outros povos da Europa, abolimos a pena de morte e, assim, demos ao Mundo uma lição magnífica, levando a cabo um acto que foi «projecção a um tempo do pensamento iluminista de Beccaria e do correccionismo de Roeder», nas palavras do Prof. Eduardo Correia.

Mas, como escrevi antes, não basta, no convulso mundo de hoje, abolir a morte como castigo do delito, se se deixar todos os dias a Pessoa Humana ser espezinhada, amarfanhada, esmagada por todas as formas de coacção, desde as mais hediondas até às mais requintadamente subtis, que tantas vezes reduzem os homens a meros farrapos para sempre inúteis.

Na sua mensagem radiodifundida pelo Natal de 1952, o falecido papa Pio XII disse:

«Da ordem jurídica, querida por Deus, brota para os homens esse direito inalienável que garante a cada um a segurança jurídica e uma esfera concreta de direitos defendida contra toda a intromissão arbitrária».

E o seu grande sucessor, o inolvidável João XXIII, na sua famosa encíclica *Pacem in terris*, escreveu:

« Uma sociedade fundada ùnicamente em relações de força, nada teria de humano: comprimiria necessàriamente a liberdade dos homens, em vez de ajudar a animar-se esta a desenvolver-se e a aperfeiçoar-se».

E já que estou em maré de citar textos pontifícios, recordarei mais estes da recente e notabilíssima encíclica *Populorum Progressio* do actual Pontífice, que, ao referir-se a qualquer programa feito com vista ao aumento de produção, insiste por que ele «deve reduzir desigualdades, combater discriminações, libertar o homem da servidão, torná-lo capaz de, por si próprio, ser o agente responsável do seu bem-estar material, progresso moral e desenvolvimento espiritual».

Mais adiante, Paulo VI é peremptório ao escrever: «O combate contra a miséria, embora urgente e necessário, não é suficiente. Trata-se de construir um mundo em que todos os homens, sem excepção de raça, religião ou nacionalidade, possam viver uma vida plenamente humana, livre de servidões que lhes vêm dos homens e de uma natureza mal domada; um mundo em que a liberdade não seja uma palavra vã e em que o pobre Lázaro possa sentar-se à mesa do rico».

Quando eu relia estas palavras, que são como que um ferro em brasa aplicado na consciência de certos estadistas de hoje, que, confessando-se cristãos, negam a Cristo pelos seus actos, ou, quando o não são, repudiam as mais belas conquistas morais do Homem, chegavam-me às mãos o n.º de Agosto do *Bulletin de la Commission Internationale des Juristes* e o n.º de Verão da *Revue* da mesma agremiação, que me trouxeram, aquele a notícia das conclusões do «Congresso de Juristas dos países nórdicos sobre o direito ao respeito da vida privada», decorrido em Estocolmo em 22 e 23 de Março deste ano; e a segunda os textos de dois Pactos internacionais relativos aos Direitos do Homem, assinados por ocasião da reunião da Assembleia Geral da O. N. U. em Dezembro do ano passado.

As duas primeiras conclusões do Congresso de Estocolmo rezam:

«O direito ao respeito da vida privada, que é de uma importância capital para a felicidade do homem, deve ser reconhecido um direito fundamental da pessoa humana. Protege o indivíduo contra as autoridades públicas, a colectividade e os outros indivíduos».

«O direito ao respeito da vida privada é o direito para uma pessoa ser livre de levar a sua própria existência como entender com o mínimo de ingerências exteriores».

E embora no seu n.º 4 se reconheça que o direito ao respeito da vida privada «não pode ser ilimitado», logo se declara que «nada pode justificar providências incompatíveis com a dignidade física, mental, intelectual ou moral da pessoa humana».

Por outro lado, o art. 2.º do Pacto Internacional relativo aos Direitos Económicos, Sociais e Culturais, no seu n.º 2, reza:

«Os Estados partes no presente Pacto comprometem-se a garantir que os direitos nele enunciados serão exercidos sem qualquer discriminação baseada na raça, na cor, no sexo, na língua, na religião, na opinião política ou em qualquer outra opinião, origem nacional ou social, na fortuna, no nascimento ou em qualquer outra situação».

Mas é no Pacto Internacional relativo aos Direitos Civis e Políticos, assinado na mesma ocasião, que se encontram disposições merecedoras da nossa atenção e que são o melhor corolário que me seria dado encontrar às minhas apagadas palavras do artigo anterior. Com efeito, no seu art. 7.º lê-se:

«Ninguém será submetido à tortura nem a penas ou tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes. Em particular, é interdito sujeitar uma pessoa, sem o seu livre consentimento, a uma experiência médica ou científica».

O art. 9.º determina: «1. Todo o indivíduo tem direito à liberdade e à segurança da sua pessoa. Ninguém pode constituir objecto de prisão ou detenção arbitrárias. Ninguém pode ser privado da sua liberdade, salvo por motivos e conforme o Direito, previstos na lei». «2. Todo o indivíduo preso será informado, no momento da prisão, das razões desta e receberá notificação, no mais curto prazo de tempo, de todas as acusações contra ele feitas».

Por sua vez o art. 10.º diz: «Toda a pessoa privada da liberdade é tratada com humanidade e com o respeito da dignidade inerente à pessoa humana».

Finalmente, o art. 18.º, depois de declarar que todos têm direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião, declara, no seu n.º 2: «Ninguém sofrerá coacção que possa atingir a sua liberdade de ter ou de adoptar uma religião ou uma convicção da sua escolha».

Por tudo quanto citei, testemunhos vindos dos mais variados sectores e procedências se verifica (e isto hoje não pode causar surpreza) a perfeita identidade de pensamento entre a Igreja Católica e o Direito moderno, expressando-se este pela palavra ou pela pena de juristas vindos dos pontos mais remotos da Terra e professando diversas religiões ou mesmo não professando nenhuma.

Nota-se um esforço, por vezes penoso (e isto causaria, por certo, a surpreza dos ideólogos do século XVIII e dos idealistas do século XIX) por alcançar um estádio de progresso moral que tenha por escopo a dignificação da Pessoa Humana, atribuindo-lhe assim uma perfeição moral que seja, mais do que a Razão e a Inteligência, a verdadeira causa da distinção entre o Homem e o Animal.

Enquanto em vários pontos do Planeta os homens continuam a trucidar-se, tantas vezes em holocausto a mitos ou abstracções longe de toda a realidade humana, aqueles que pela sua posição dentro da sociedade organizada falaram em nome de Deus ou no do Homem, como ser racional, expressaram os seus votos por que se respeite a Pessoa Humana restituindo-lhe essa dignidade que o passado ignorou ou desprezou, que Sócrates procurou fundamentar, por que se bateram tantos homens denodados desde Lutero aos nossos dias, e que a nossa civilização mecanicista quer esmagar.

Quando em Portugal se comemora com solenidade e relevo o 1.º centenário da abolição da pena de morte, assim se congratulando os Portugueses por um acto que, como disse o Prof. Eduardo Correia, está na base «de um certo tipo de cultura, que nos esforçámos por construir nas cinco partes do Mundo», esperemos que sejamos nós, tal o voto com que fechei o meu passado artigo, a dar mais o exemplo nobilíssimo de lutar constante e porfiadamente por se alcançar, enfim, a noção plena do respeito pela pessoa do Homem, lição ao Mundo acabrunhante em que vivemos, que, por causas múltiplas (assentes, afinal, ùnicamente na desmedida ambição do Poder — o Poder Pessoal ou o Poder Estatal), demonstrou já o seu desprezo absoluto pelo Homem e pela dignidade da Pessoa Humana. E tal como um dia o expressou André Malraux, de forma lapidar, tenhamos a certeza absolutamente convicta de que se «*une vie ne vaut rien*», também «*rien ne vaut une vie*».

A. ALVARO DÓRIA

DOS AÇORES

Escoteiro açoriano vítima de desastre quando prestava socorro a animais

Quando um grupo de escoteiros fazia exercícios próximo de Caldeirão, na estrada da Ribeira Grande, na ilha de S Miguel (Açores), ouviram-se latidos impressionantes de cães encurralados no fundo de uma temível gruta.

Um dos escoteiros, o João Luís da Câmara Carvalho, de 19 anos de idade, pertencente ao Grupo n.º 80, de Ponta Delgada, desceu ao interior da gruta para tentar socorrer os animais. Porém, quando pretendia alcançar a superfície, trepando por uma espia, caiu desamparadamente.

Os companheiros procuraram, em vão, socorrê-lo. Como os meios de que dispunham eram deficientes, pediram o auxílio dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada, que prontamente compareceram e retiraram da gruta o escoteiro acidentado, conduzindo-o ao hospital, onde ficou internado, embora o seu estado não inspirasse cuidado.

Fazemos votos pelas prontas melhoras deste brioso escoteiro do Grupo 80.

O Grupo N.º 93, de Sintra, está em festa

O XXXIII Aniversário do «93» foi comemorado com um acampamento em 26 e 27 de Setembro último

● Reportagem de **Armando Inácio**

Esfuziantes de alegria, chegam à aprazível Quinta do Vale do Rosal as primeiras patrulhas de Lisboa. Pertencem aos grupos 7, 8, 85 e 94 e ao de Queluz.

O «pessoal» do 93 está a postos.

Aparece também o chefe de tribo Armando Morais, especialmente convidado para dirigir aquela actividade interpatrulhas.

Depois das saudações e troca de ditos de espírito, inicia-se o trabalho de armar o acampamento. A rapaziada lança-se a isso com determinação.

Mas depressa vem a noite. Soa a chamada para o fogo do conselho.

A noite está calma e convida a cantar.

O chefe Soares, antigo dirigente do grupo em festa, convidado de honra, deita fogo à pira de lenha. A pouco e pouco, a chama vai tomando maiores proporções até se tornar num clarão quente e acolhedor.

Armando Inácio é que dirige o «fogo». As patrulhas estão muito afinadas. Formidáveis os rapazes de Queluz! Que belo que é assim o fogo de conselho!

Aproxima-se o fim desta agradável reunião. A chama extingue-se lentamente. No ar ecoam as palavras finais da meditação que o chefe Leite a todos faz escutar reverentemente.

Quando vem a manhã...

7 horas da manhã. Os mais madrugadores já estão a preparar a refeição.

A partir desta altura, o tempo corre vertiginosamente. Mas o programa é cumprido à risca! O concurso desperta entusiasmo.

A Boa Acção colectiva

As 11 horas, os rapazes dividem-se em dois contingentes e vão visitar, um, o hospital, o outro, a cadeia da vila. Aos que aí se encontram, levam lembranças e palavras de carinho. Os encarcerados olham-nos com espanto. Jamais os seus ouvidos esquecerão a canção que os escoteiros lhes dedicaram.

O final de uma boa actividade

Declina o dia; está próxima a festa de campo. Antigos escoteiros e membros da Fraternal estão presentes e todos participam nas brincadeiras.

Momento culminante: a classificação do concurso!

Espanto! A patrulha Tigre, do grupo 8, alcança a vitória por escassos pontos!

Quem diria, se até ali quem estava em primeiro eram os rapazes de Queluz? Sorriem um pouco forçados. Mas num gesto muito próprio de escoteiros, são os primeiros a aclamar ruidosamente os vencedores!

Em terceiro lugar está a patrulha do 7.

Momento solene: o compromisso de honra dos patatenras do 93 e também da Aquelá sr.ª D. Maria Teresa da Conceição Rodrigues, que recebeu o certificado de aproveitamento do Curso da I. M.

Fala o presidente da Fraternal, que traz no coração a saudação de todos os companheiros.

Arreia-se a Bandeira Nacional, depois de se ter cantado o *Eh lá!* e o Hino Nacional.

Num repente, um grande círculo se forma: escoteiros, antigos escoteiros, famílias, todos se juntam e, de braços entrelaçados, cantam o *Adeus*.

Parabéns, Sintra!

Bravo, 93, por tão encantador acampamento!

REALIZAR

Continuação da pág. 1

iniciativa e alargue a sua capacidade, isto é, coloque em actividade as energias latentes representadas pelos seus anseios de progredir.

Num livro que tenho à mão, leio que «o essencial já não é transmitir conhecimentos, mas ensinar *a aprender* a formar-se e a evoluir num mundo em movimento».

Para esta tarefa de imprimir ao rapaz o afã de realizar está especialmente dotado o escotismo, já que este método educativo faz um apelo directo às qualidades de iniciativa e de autoconfiança do adolescente, ao mesmo tempo que lhe proporciona oportunidades para exercitar as suas habilidades e pôr à prova a vocação. Porque, não o esqueçamos, tudo aquilo que no escotismo não for dirigido à formação do adolescente é apenas acessório e mais atenção, por conseguinte, não merece que todas as coisas que não possuem função primordial.

Contribuir para que o rapaz realize uma obra e, portanto, se realize a si próprio, é o grande programa do nosso movimento. Só assim poderemos apresentar o escotismo como a escola que traça, para a juventude, o caminho do triunfo.

Abriram as aulas. As escolas estão agora em pleno funcionamento. O escotismo, apesar das limitações impostas à sua acção, pode colaborar com esses órgãos do ensino na formação de jovens de mentalidade progressiva, aptos a encontrar e a desbravar a senda que os levará à plena satisfação do seu génio criador.

O êxito pertencerá aos homens que souberem erguer uma obra. Realizar é a palavra de ordem do futuro.

JOEL RIBEIRO

O CONCURSO DE ENCADERNAÇÕES

Já estão em poder das patrulhas concorrentes as colecções do nosso jornal destinadas a serem encadernadas.

Alguns dos exemplares remetidos apresentam carimbos do correio ou possuem aspecto de terem sido muito manuseados. É que não foi possível substituir esses exemplares por outros em melhores condições, visto serem de edições quase esgotadas. Porém, o facto de escassearem esses números só vem contribuir para que se tornem ainda mais valiosas essas colecções do nosso jornal.

E, agora, mãos à obra, a fim de que no fim do ano possamos entregar ao júri as encadernações, para serem apreciados e receberem a classificação.

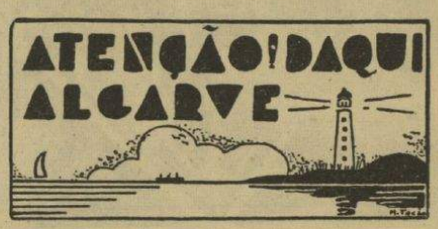
Lembramos às patrulhas que não devem perder tempo para iniciar o trabalho, porque a tarefa é morosa. No entanto, vale bem a pena meter ombros a ela, porque, além do valor do trabalho realizado e da experiência adquirida, possuir uma colecção completa de *Sempre Pronto* é privilégio de que muita gente gostaria de usufruir.

Mãos à obra, pois!

BODAS SACERDOTAIS

Por motivos das suas bodas sacerdotais, o Padre Américo Ferreira Alves, assistente regional do C. N. E. em Braga, que ainda recentemente participou no jambori Mundial, foi homenageado naquela cidade, em cerimónia que se revestiu de grande luzimento e em que participaram dirigentes escotistas e algumas dezenas de escoteiros, bem como diversas autoridades civis e eclesiásticas.

Entre as entidades escoteiras que estiveram presentes ao acto, destacaram-se o sr. D. José de Lencastre, Chefe Nacional do C. N. E.; D. Paulo de Lencastre, seu adjunto; Dr. José Francisco dos Santos; Dr. Manuel de Faria, Chefe da Região de Braga Dr. Meira Ramos, Chefe da Região do Porto; e os chefes dos núcleos de Guimarães, Póvoa do Varzim e Barcelos.



Grupo N.º 6 — Olhão

A alcateia deste grupo está trabalhando na máxima força, contando no seu efectivo 18 lobitos, divididos por 4 bandos: «Castanho», «Branco», «Verde» e «Cinzento».

Têm sido feitas regularmente reuniões e os guias dos bandos «Castanho», «Branco» e «Verde», respectivamente José Alberto Correia Bonança, Carlos Alberto Gouveia Diogo e João Manuel Fernando Viegas receberam a insignia azul da classe inteligência, por se terem mostrado eficientes na transmissão e recepção de mensagens.

Está presentemente em curso uma campanha de angariação de assinaturas para este jornal, trabalho por que os lobitos têm demonstrado particular dedicação, pelo que já alcançaram resultados animadores.

ACAMPAMENTO REGIONAL DO NORTE
AGOSTO 1967

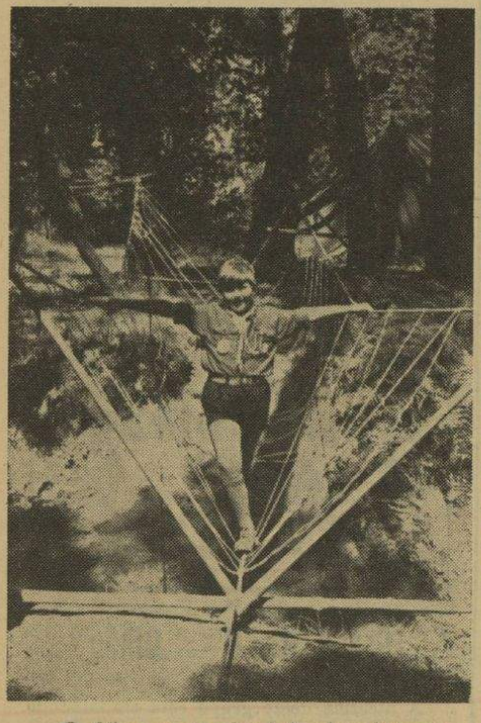
RESCALDO...

Os dirigentes nortenhos falam do seu Acampamento

No rosto dos dirigentes nortenhos era notória a satisfação por verem realizado o Acampamento Regional do Norte.

A nossa reportagem, que acompanhou todas as fases daquele acontecimento, convivendo intimamente com todos os acampados, registou algumas impressões de diversos chefes, as quais aqui reproduzimos:

Vidal dos Santos (*Chefe do Núcleo do Porto*): — «Foi um trabalho árduo, levado a efeito com verdadeiro espírito de equipa. Sei que há falhas, mas essas serão corrigidas no futuro, estou certo. Agradeço a presença amiga dos chefes e escoteiros que vieram do sul. Um aceno de simpatia para o «Sempre Pronto» que veio ao Norte, na sua máxima força, para nos oferecer a sua colaboração e apoio».



O filho e neto de dedicados dirigentes do Porto, segue confiante o caminho que o Escotismo traçou na sua Família.

Pormenor curioso: considerável percentagem dos actuais escoteiros e lobitos que constituem o efectivo dos grupos nortenhos são filhos ou netos de antigos escoteiros.

Arnaldo Couto (*Chefe do Núcleo de Gaia*): — «Estou muito contente com a aplicação e entusiasmo de todos os dirigentes nortenhos, que souberam *querer* este Acampamento Regional. Foi uma jornada de esforço, onde se destacou o espírito de sacrifício e a boa vontade do Chefe Saraiva, bem como o entusiasmo de mais de setenta rapazes que conseguiram em poucos dias levar a cabo tão árdua tarefa».

Joaquim Saraiva (*Chefe do Grupo n.º 44*): — «Estou satisfeito. Não foi muito o que se fez, mas mais não seria possível conseguir em tão pouco tempo. Para um próximo, espero que mais e melhor se consiga».

José Teixeira (*Chefe do Grupo n.º 4*): — «Vi com grande alegria a realização deste Acampamento e participei nele com todo o entusiasmo, tal como os meus rapazes. Faço votos para que se venham a realizar com certa frequência mais actividades como esta, aqui no Norte, trabalhando assim unidos todos os escoteiros de Gaia e do Porto».

Mendes dos Santos (*Chefe do Grupo n.º 15*): — «Pena foi que não pudesse ser realizado tudo quanto planeámos e desejávamos ver feito. Gostaria de ter conseguido mais e melhor. Apesar disso estou satisfeito com o Acampamento, que considero uma boa actividade, como ainda não vira outra aqui no Norte».

Fernando Teixeira (*Chefe do Grupo n.º 17*): — «Gostei do Acampamento, mas foi um trabalho muito duro para os chefes e grande parte dos escoteiros não correspondeu em interesse a esse esforço».

Silva Morais (*Chefe do Grupo n.º 41*): — «Vim para o Acampamento com a maior satisfação. Esta foi a maior actividade a que assisti no Norte durante os meus 27 anos de escoteiro. Foi agradável e muito útil o entendimento entre os chefes do Porto e de Gaia, que assim deverão continuar a trabalhar para engrandecimento do Movimento aqui no Norte».

Desejámos ainda recolher opiniões a outro nível. Entre os rapazes, era geral o contentamento pois um acampamento proporciona-lhes sempre a desejada liberdade de acção, a aventura, a alegria de algo diferente do quotidiano. Escolhemos ao acaso três guias de patrulha que nos disseram coisas de muito interesse que ninguém deixará de ponderar e ter em conta para futuras actividades.

Guia da «BÚFALO» do Grupo n.º 15: — «Claro que gostei. Foi mais um grande acampamento a que assisti pois já estive no ano passado no X Acampamento Nacional. Sinto-me orgulhoso por estar aqui presente porque foi principalmente uma reunião de todos os grupos e escoteiros do Norte. Durante o decorrer do Acampamento não fizemos grande trabalho de patrulha mas procurámos ser úteis no trabalho do Grupo e, sobretudo, tivemos oportunidade de contactar com os escoteiros de outros grupos».

Guia da «Leão» do Grupo n.º 44: — «Faltou competição entre as patrulhas. Durante o Acampamento não houve actividades que estimulassem essa competição. Mesmo nos trabalhos preparatórios os meus escoteiros andaram separados, trabalhando em diferentes equipas consoante as respectivas idades. Acharia preferível termos trabalhado por patrulhas, pois eu gostaria de mostrar quanto vale a minha».

Outro guia do Grupo n.º 15: — «Gostei do Acampamento mas acho que se fizeram poucas actividades para movimentar os escoteiros. Vivemos muito tempo parados, o que é aborrecido».

Para finalizar esta série de depoimentos, registamos ainda as declarações de um elemento directivo do Grupo n.º 17, Pacheco da Silva, uma dedicação ao Serviço do Escotismo, que nos disse:

— «Do Acampamento gostei sinceramente e só tenho pena que se levasse tanto tempo a tentar este arranque que creio ter resultado em cheio, graças à aplicação e interesse de todos os dirigentes que trabalharam àrduamente para a sua realização.

«Conseguiram-se dois objectivos essenciais para o desenvolvimento do Movimento no Norte: o contacto entre os dirigentes e escoteiros dos diversos grupos, que ajudará no futuro a que todos se conheçam melhor, e a propaganda do Escotismo através das centenas de pessoas que nos visitaram e puderam apreciar como através das nossas actividades procuramos formar os jovens».

Dada a posição do Sr. Pacheco da Silva dentro do Grupo n.º 17, que se nos apresenta no momento um dos mais fracos da Região Norte, não perdemos a oportunidade para sabermos o que pensa de tal situação.

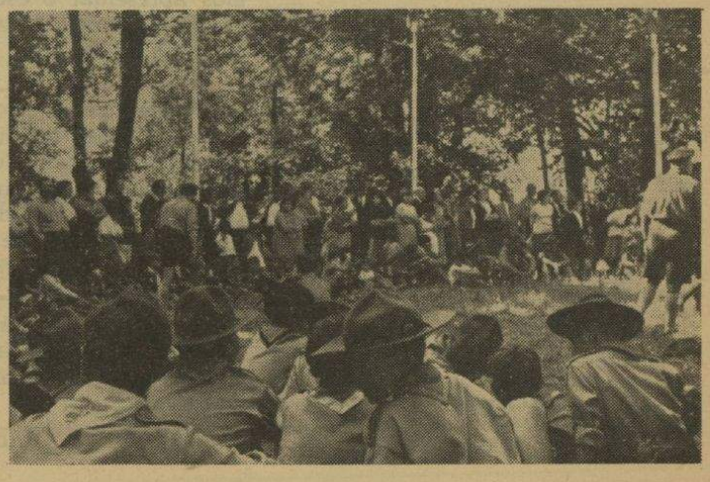
— «A situação presente é difícil, porque falta muito do que é indispensável num grupo de escoteiros. Teremos de nos preocupar com uma reestruturação dos quadros dentro de um plano consciente das realidades. Tenho esperança de que o ressurgimento virá bastante em breve, para prestígio do Grupo e do Escotismo».

A Associação Britânica de Escoteiros

mudou de título

O título da associação britânica de Escotismo era, desde Janeiro de 1912, «The Boy Scouts Association». Em prosseguimento, porém, da reforma do Escotismo naquele país e dando cumprimento a recomendações feitas por uma Comissão que estudou a actualização do Movimento, foi resolvido mudar o referido título, passando agora a denominar-se THE SCOUT ASSOCIATION. O documento oficial que legalizou esta nova designação foi publicado em 5 de Maio passado.

Um aspecto da festa de campo no Regional do Norte.



QUEM PAGA O PATO?

(PEÇA EM 2 ACTOS)

Pelo Rev. Eduardo Moreira

CENÁRIO: Sala de pasto vulgar, com mesa posta. Vários estudantes entram pela direita, falando e rindo, como quem termina uma combinação. Pela esquerda entra o criado, mesureiro, de guardanapo no braço. Ao vê-lo, os estudantes impõem silêncio uns aos outros, com gestos de cumplicidade.

Personagens:

(*seis homens e uma senhora, no mínimo*)

Carlos, estudante, e outros três ou dois; Alonso, criado do restaurante; O Sr. Silva, proprietário do restaurante; Mãe e Pai de Carlos.

1.º ACTO

Cena 1.ª

CRIADO: Que hão-de vossemecês desejar?

1.º ESTUDANTE (CARLOS) (*irónico*): Alto lá! Que vem a ser isso de «vossemecês»? Nós somos «Vossas Excelências»!

CRIADO (*muito humilde*): Vossas insolências... Eu cá não sei dizer bem... (*Os estudantes riem estrondosamente*).

2.º ESTUDANTE: Não, não, lá insolências, não! É melhor dizer «vossas senhorias».

CRIADO: Sim, senhores; vossas... senhorias que hão-de querer?

1.º ESTUDANTE: Que há cá para comer?

CRIADO: Saiba vossemecê... quero dizer, vossa senhoria, que hoje há pato assado no forno.

ESTUDANTES (*todos com entusiasmo*): Óptimo! Venha o pato; a voar ou por seu pé, tanto monta. Cá o receberemos, impávidos e serenos, de garfo e faca em riste...

3.º ESTUDANTE: Ris-te? Riste tu e rio eu. Rimos todos, que é melhor. Comecemos por um hurra.

TODOS, A UMA VOZ: Hurra!

CRIADO (*com riso alvar*): Vou já avisar na cozinha. É um instantinho.

2.º ESTUDANTE (*em tom familiar*): Olha lá: como te chamas?

CRIADO: Alonso, para servir vomecês... quero dizer, vossenhorias.

ESTUDANTES (*alegremente*): Viva o Alonso, que nos vai tirar o ventre de misérias. Vamos pôr luminárias...

3.º ESTUDANTE: Se não de flúor, de pato com batatinhas, que é muito melhor. (*Arrastam cadeiras e falam uns com os outros, ruidosamente. Depois sentam-se e cochicham*).

1.º ESTUDANTE (*cantarolando*):

Olhem que é pato
Magnífico prato!

2.º ESTUDANTE (*tomando a deixa, e no mesmo tom*):

Cevado e assado;
Servido e... comido.

Cena 2.ª — *Os mesmos e Alonso, que entra com uma travessa e um canjirão, com chá, a parecer vinho. Os estudantes estão à mesa.*

ALONSO: Ora aqui têm vossenhorias o pato. E aqui está a pinga da casa. O pato tem asas, mas não avoa.

3.º ESTUDANTE (*com ar fingidamente circunspecto*): Deixa, que nós o faremos voar. Até vai parecer um avião de jacto.

(*Enquanto fingem que comem — ou comem mesmo, como na ceia de «Os Velhos» de D. João da Câmara — levanta a voz o*

1.º ESTUDANTE: Vamos a saber: em que é que se parece o forno cá da casa com uma sapataria?

2.º ESTUDANTE: Essa já tem barbas, tamanho das do Carlos Magno da lenda, que dava com elas três voltas ao pescoço.

4.º ESTUDANTE: Eu cá não sei: nunca ouvi essa. Onde está a semelhança?

2.º ESTUDANTE: O quê? Não sabes? É que o cozinheiro usa sapatos, e o dono da sapataria, quando faz anos, assa pato para a família.

TODOS: Ah! ah! ah!

4.º ESTUDANTE: Viva o disparate!

2.º ESTUDANTE: E sabem vocês a história dos estudantes que não tinham dinheiro, e um fez de burro, na feira, enquanto o burro verdadeiro era vendido noutra aldeia?

1.º ESTUDANTE: Essa é muito comprida e não vem a propósito. Contas depois. Agora vamos ao pagamento.

TODOS (*cada um procurando a carteira para pagar*): Pago eu! Não, eu é que pago! Hoje sou eu! Não, sou eu! (*Alonso ri com vontade, divertido com a competição amigável*).

1.º ESTUDANTE: O Alonso é que vai resolver esta contenda e dizer quem paga. Anda cá. Conheces o jogo da cabra cega? Vamos tapar-te os olhos com este guardanapo; e aquele que tu agarrares terá de pagar o pato.

ALONSO: Sim, senhor, muito bem! (*Um dos estudantes venda-lhe os olhos com um guardanapo; e enquanto o Alonso apalpa o ar e apura o ouvido, os estudantes, pé ante pé, escapam-se, um a um, pela porta à direita. Pouco depois entra pela esquerda outra personagem, o Sr. Silva, o patrão, que é agarrado por Alonso, enquanto este exclama:*

ALONSO: O senhor é que paga o pato!

SR. SILVA (*zangado*): Estou a perceber, meu pateta. Deixaste fugir os fregueses, e eu é que pago o pato. Até já o paguei!

Cai o pano
para preparar a cena para o 2.º acto.

(Continua)

No Grupo N.º 4

há gente que trabalha e confia no futuro

Emergindo fácil e ràpidamente de uma crise demasiado prolongada, o Grupo n.º 4 surpreendeu agradàvelmente todos àqueles que se interessam pelo desenvolvimento do Escotismo, apresentando-se actualmente como uma das mais prometedoras unidades da A. E. P.

Pelo menos foi esta a ideia que nos ficou ao apreciarmos a actuação dos seus rapazes e dirigentes durante o Acampamento Regional do Norte, em cujo subcampo convivemos alegremente algumas horas, sentindo-nos rodeados de simpatia e verdadeiro espírito escoteiro.

Em conversa amiga com os seus dirigentes pudemos registar o que tem sido a actuação dos novos chefes, que tomaram conta dos seus lugares em Maio do corrente ano, da forma que eles mesmo aplicam:

«— A Direcção do Grupo fez um apelo aos antigos escoteiros e nós não poderíamos ficar indiferentes».

— E como encontraram as coisas? — perguntámos.

José Martins dos Santos, o chefe ajudante, é pessoa inteligente e ponderada, que os companheiros ouvem com estima e os rapazes respeitam. É ele que responde:

«— O grupo tinha um número razoável de rapazes mas não estavam convenientemente preparados, nem organizadas as patrulhas. A preparação técnica era também bastante fraca».

A chefia actual do grupo é constituída pelos seguintes elementos:

Chefe do Grupo — José Duarte Teixeira
Chefe ajudante — José Martins dos Santos
Chefe de Tribo — Adrião Carneiro de Almeida
Chefe Serv. Adm. — Domingos de Figueiredo

— Quais os planos de trabalho?

«— Estamos a organizar as patrulhas e procurar que estas elejam os seus guias. Só assim poderemos iniciar uma fase de trabalho de acordo com os métodos escotistas.

— Qual a atitude da Direcção em relação à Chefia do Grupo?

«— Temos sentido bom apoio da Direcção da qual esperamos continuar a merecer a confiança necessária para continuarmos com utilidade o nosso trabalho.

«Para este acampamento tivemos a satisfação de verificar efectivamente esse apoio, pois só com o subsídio recebido da Direcção nos foi possível manter aqui um número de rapazes que de outra maneira não seria possível terem vindo. Apetrecharam-nos, ainda, com o material de cozinha que se tornava absolutamente necessário».

— O Grupo tem dificuldades financeiras?

«— Estamos rodeados de muitos amigos que por vezes nos resolvem os principais problemas financeiros e, por isso, não temos tido dificuldades neste sector».

Confiemos no Grupo n.º 4 e nos seus actuais dirigentes, de quem muito há a esperar a favor do Rapaz e pela causa do Escotismo.

M. G.

SEMPRE PRONTO

Número 270

Outubro de 1967

MENSÁRIO ESCOTISTA

Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista



10 — A geração de Mouzinho e o pensamento da Revolução Nacional, *por Ávila de Azevedo.* Lisboa, 1966. 113 págs.

Integrado numa colecção subordinada ao título de «Quadragésimo Ano», compõe-se este breve volume de uma série de artigos de amigos e contemporâneos de Mouzinho de Albuquerque, como António Enes, Aires de Ornelas, Paiva Couceiro, João de Azevedo Coutinho, Eduardo Costa e Freire de Andrade, e no qual se procura explicar as determinantes da acção do ilustre militar durante as campanhas de ocupação em Moçambique e o seu governo a que foi elevado posteriormente.

Contém ainda excertos de obras do próprio Mouzinho, entre os quais figura a conhecida carta ao malogrado príncipe D. Luís Filipe.

Não é para este lugar, por deslocada, a discussão dos pontos de vista desse homem notável ou dos expendidos pelos acima citados, se atendermos à diferença profunda entre o tempo em que escreveram e o nosso, facto ainda agravado com o de se transcreverem no volume apenas depoimentos de exaltação de um homem que, se em dado momento se tornou o centro das atenções e do entusiasmo dos seus compatriotas, não deixou, por isso, de ser um homem, com as suas virtudes, é certo, mas também com os seus defeitos, que os teve e lhe valeram a animosidade de certos sectores, que não foram exclusivamente políticos como hoje se quer fazer crer.

Parece-me que mais do que aos vivos é aos mortos que se deve justiça, mas justiça *justa* e não unilateral. E quando se quer apresentar aos jovens portugueses Mouzinho como ideal a imitar, parece de prudência elementar não lhe ocultar os defeitos. Passou há muitas centenas de anos a era dos semi-deuses.

11 — A «Seara Nova» e o pensamento da Revolução Nacional, *por Mário Matos e Lemos.* Lisboa, 1966. 93 págs.

Pertence também este opúsculo à mesma colecção indicada no número anterior, e nele se reuniram excertos dos primeiros números da conhecida revista fundada por Raul Proença e outros, depois que os elementos mais dinâmicos da antiga «Renascença Portuguesa» abandonaram esta, de carácter quase exclusivamente literário, para em Lisboa lançarem o movimento «seareiro» em que pontificou, além de Proença, o ensaísta António Sérgio.

O compilador, com nobreza e isenção (a que não estamos muito habituados nos tempos que correm) pretendeu «mostrar que o grupo da *Seara Nova* reclamava um movimento de salvação», tendo procurado, «quanto possível, dar os mais importantes artigos na íntegra (..) para que a intenção de quem escreve não fosse atraiçoada» (pág. 10).

Parece-me tal atitude digna do maior aplauso, porque desta forma o leitor poderá julgar por si e fazer justiça a quem é devida.

12 — Antero de Quental e o pensamento da Revolução Nacional, *por João Afonso.* Lisboa, 1967. 93 págs.

Mais um opúsculo integrado na colecção a que pertencem os dois referidos antes, e constituído por numerosos excertos de trabalhos do grande poeta, um dos maiores expoentes da nossa literatura: opúsculos, discursos, correspondência, etc.

Embora o ilustre autor dos *Sonetos* pertencesse, durante largos anos, ao jovem Partido Socialista Português, que ajudou a fundar e de que, pelo menos duas vezes, apresentou a sua candidatura a deputado, a verdade é que ele não foi um *político*, nem mesmo tomando o termo na sua acepção mais lata e elevada.

Homem de profunda sensibilidade moral, foi no campo da Moral que ele encontrou o elemento em que o seu génio poderia expandir-se, se muito cedo os seus nervos não dessem origem à cruciante doença que o levou ao suicídio.

As suas ideias, incidentalmente políticas, eram de essência ética e não visavam a outro alvo que não fosse a elevação moral do homem. É isto que se deve ter presente todas as vezes que o poeta emprega a palavra «Revolução», sentido que transcende muitíssimo o elementar de simples mudança de instituições e muito mais o de rebelião armada.

Por isso falhou redondamente a ideia generosa da Liga Patriótica do Norte em 1890, a que o poeta deu a sua mais entusiástica adesão e cujo malogro foi a sua última desilusão antes de, um ano mais tarde, pôr termo à existência.

Revolução, pois, para Antero não significava coisa que de longe se assemelhasse a política, mas pura e simplesmente o «refazimento» do homem moral, crente, como ele estava (e com toda a razão), em que, sem essa «revolução interior» do homem, nada de nobre se pode edificar ou erguer.

O RATO SÁBIO

DOS AMIGOS DE «SEMPRE PRONTO»

Nascimentos

O lar do antigo escoteiro do grupo 94 e nosso prezado assinante sr. António da Encarnação Amêndoa, e de sua esposa, senhora D. Maria Beatriz da Encarnação Teixeira Amêndoa foi enriquecido, em 6 de Agosto último, com a «chegada» do primogénito, o Valentim António.

* * *

No domingo, 24 de Setembro p. p, deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª D. Judite de Fátima da Silva Araújo Tavares, esposa do dedicado colaborador da chefia do grupo 52, de Angra do Heroísmo, sr. prof. Leopoldo da Rocha Tavares.

A estes felizes casais, desejamos muitas felicitações.

Posto de observação

RECONSTRUIR

Foram verdadeiramente épicos os primeiros tempos do Escotismo em Portugal.

Dirigentes de elevada estatura moral, que depressa compreenderam o ideal de B.-P., souberam incutir nos jovens os mais nobres e altruístas sentimentos de arreigado amor a Deus, à Pátria e à Família.

Tais sentimentos deram a muitos jovens um perfeito sentido da tarefa que lhes impunham a LEI e a PROMESSA, lutando contra a indiferença ou o sarcasmo que os rodeava. Para esses jovens, o Escotismo não era uma simples brincadeira, mas uma enorme responsabilidade que aceitavam alegremente, conscientes da sua utilidade à Grei.

Logo nos primeiros anos da sua existência em Portugal, conheceu o Escotismo dias bem difíceis. Os homens haviam esquecido as suas obrigações de paz e fraternidade e batiam-se como loucos.

Os escoteiros, então, foram abnegação, foram sacrifício, foram exemplo. Gestos simples de jovens simples; histórias maravilhosas que, hoje, o tempo tornou lendárias, impuseram o Escotismo e o valor incontestável do seu Ideal.

Foi com essa dura pedra que se construíram os alicerces do Escotismo em Portugal, onde nem faltou o sangue puro de um inocente, Manuel Bettencourt, herói e vítima da mais bela história de amor e dedicação ao semelhante que o Movimento conheceu entre nós. Uma bala perdida não respeitou a bandeira branca que empunhava e tombou-o da ambulância com que transportava para o posto de socorros de seu pai os feridos que arrastava de ambas as linhas de combate.

Com o tempo, porém, muita coisa mudou. Muitos foram os jovens que passaram pelo Escotismo jamais conhecendo a sua maravilhosa história e poucos puderam compreender a principal razão de ser do Movimento.

Em Portugal luta-se hoje como outrora (embora com aspectos diferentes) e o Escotismo volta a ser tão necessário como o foi nesse tempo.

Precisamos de formar jovens que não temam o perigo, mas que alberguem em seu peito a lealdade, a honra e o amor ao seu semelhante.

O Escotismo sabe como fazê-lo e demonstrou-o cabalmente ao trilhar em nossa Terra os seus primeiros passos.

É preciso valorizá-lo e permitir que execute a sua Obra.

O edifício, outrora erguido com penoso esforço de pequenos heróis, está velhinho de muitos anos e tratos recebidos, mas tão sólidos alicerces jamais tremeram e suportarão fàcilmente o peso de nova estrutura. Sobre eles há que erguer novas paredes, mas paredes leves e firmes, caiadas de branco para que a pureza do Ideal não possa ser maculada e de novo penetre as almas dos jovens que se proponham continuar a história brilhante e útil do Movimento Escotista em Portugal.

M. G.